

Mesa Redonda 2: O Carnaval de São Paulo e Imagens do Carnaval

Transcrição do evento “A academia e o samba: encontro de culturas” realizado no dia 23 de fevereiro de 2011 no Centro Universitário SENAC como parte das atividades da linha de pesquisa em Cultura e Consumo¹

Participação de Maria Aparecida Urbano², Olga Rodrigues de Moraes Von Simson³ e João Kuclsar Kulcsar⁴

Mediação: Nanci Rodrigues Barbosa⁵

***Nanci:** Boa tarde á todos é um prazer estar participando desse encontro pra refletir sobre o tema A Academia e o Samba – Encontro de Culturas trazendo então olhares distintos e perspectivas múltiplas pra gente entender essa questão esse tema do carnaval e nós temos na nesta Segunda mesa a Professor Maria Aparecida Urbano pesquisadora do carnaval há mais de 30 anos com uma experiência enorme e comentadora dos desfiles das Escolas de Samba de São Paulo pela rádio Jovem Pan, ela também é autora de um dos livros que estão sendo apresentados aqui pra que agente entre em contato que é “ Carnaval e Samba em Evolução na Cidade de São Paulo”. A segunda Professora convidada é Olga Rodrigues de Moraes Von Simpson ela é Doutora e pesquisadora nesse tema está ligada a UNICAMP e é também autora do livro “O Carnaval em Branco e Negro”, e traz nesta conversa aqui conosco uma abordagem histórica e sociológica sobre o tema.

¹ Organizado pelos professores pesquisadores do Centro Universitário SENAC Fernando Estima, Maristela de Souza Goto Sugiyama e Maria Eduarda Araujo Guimarães.

² Pesquisadora do carnaval com atuação em várias escolas de samba de São Paulo e comentarista da Rádio Jovem Pan durante os desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial no Sambódromo Paulistano.

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo é professora da Universidade Estadual de Campinas.

⁴ Mestre em Artes pela University of Kent at Canterbury é professor pesquisador do curso de Fotografia do Centro Universitário SENAC.

⁵ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo é professora pesquisadora do do curso de Audiovisual do Centro Universitário SENAC.

E o Professor João Kuclsar está á caminho e assim que ele chegar iniciará a apresentação. Eu sou Nanci, professora aqui do SENAC do curso de Audiovisual e nós estabelecemos essa ponte aqui com o Professor Fernando justamente porque em uma das aulas de Cultura Brasileira eu o convidei pra falar sobre o tema e nós fomos depois com alguns alunos acompanhar umas atividades da Escola Mocidade Alegre e acho que esse é um tema extremamente rico importante pra gente pensar e refletir sobre as relações sociais, culturais e da vivência desse mundo simbólico maravilhoso e que permite agente entender um pouco mais este momento de vida e toda a carga simbólica, alegre e visualmente muito interessante. Só pra gente ver o que foi combinado aqui, temos apresentação dos três palestrantes trazendo a suas contribuições e depois agente abre par um debate. O tempo previsto para cada uma das falas em torno de 25 a 30 minutos para a gente ter depois um tempo de conversa.

1-Carnaval de São Paulo

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson

***Olga:** Eu queria começar contando pra vocês quem eu sou de onde eu venho, qual é a minha posição dentro desse mundo do carnaval. Eu sou formada na Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras aqui da USP na área de Ciências Sociais e minha especialização dentro das Ciências Sociais é a Sociologia da Cultura e pertenci desde a época de graduação e pertenço ainda á um centro de pesquisa dos mais antigos lá do departamento de Ciências Sociais que é o Centro de Estudos Rurais e Urbanos – o CERU – quando eu estava na verdade finalizando a graduação e querendo pensar num mestrado e num doutorado houve uma série de discursos entre os pesquisadores do CERU e chegamos a conclusão que as classes populares da cidade de São Paulo já eram muito conhecidas pelo aspecto do trabalho e que faltavam pesquisas que dessem

conta do tempo de lazer dessa população. E aí três grandes vertentes se formaram no CERU para pesquisar esse tempo do lazer. Uma se voltou para o aspecto religioso e se concentrou principalmente na Umbanda que estava num crescimento muito grande nessa época, isso era começo dos anos 70. A outra na verdade se preocupou com o crescimento enorme que existia na época do futebol de várzea, que era também uma atividade importantíssima nos finais de semana, principalmente nos finais de semana das classes populares, e uma terceira pensou no carnaval como outro caminho pra pensar na verdade esse lazer da classe popular e eu, então, resolvi escolher o campo do carnaval, mas pensando o carnaval sob o enfoque da cidade.

Na verdade eu não entendi naquele primeiro momento porque eu construí o meu campo de pesquisa sob esse olhar e só fui compreender isso depois que estava tudo terminado e que eu já tinha defendido o doutorado e que já estava indo para a edição do livro. Eu não sou nascida em São Paulo, eu nasci no interior do estado, em Jaboticabal e vim com 3 anos de idade morar na cidade de São Paulo e, para mim, essa cidade que não era minha de origem era um grande enigma e eu queria na verdade conhecer em maior profundidade a cidade. Minha avó paterna morava nos Campos Elíseos e a cada 15 ou 20 dias a gente ia visitá-la, nos pegávamos o bonde na Lapa e íamos até a Praça Marechal Deodoro e depois havia um caminho de uns cinco ou seis quarteirões pra chegar até a casa da minha avó e, ao fazer essa caminhada, eu ia vendo as famílias negras da Barra Funda, as crianças brincando na rua, as pessoas sentadas na porta das casas conversando e aquele era um mundo completamente diverso daquele que eu vivia no Alto da Lapa e que me trazia uma grande curiosidade.

Ao estudar e ao me formar eu tinha como colegas na sua grande maioria as netas dos imigrantes italianos, espanhóis e portugueses porque a Lapa era um bairro de origem operária com um grande contingente de famílias imigrantes. Também era outro enigma que se colocava pra mim com o desejo de conhecimento e

aprofundamento e na verdade me valer do carnaval – do carnaval branco e do carnaval negro – para dar conta de entender essa cidade e de compreender a formação populacional que vai dar origem a Grande São Paulo nos seus diferentes bairros.

Então o meu trabalho com o carnaval focaliza o surgimento do carnaval popular na cidade de São Paulo através dos seus diferentes bairros, então eu tenho o carnaval branco na Mooca, Brás, Lapa, Água Branca e tenho o carnaval negro surgindo nos três redutos negros da cidade que são: Bexiga, Barra Funda e Baixada do Glicério. Na minha maneira de entender e tentar conhecer esse carnaval eu fui fazer uma parceria entre o centro em que eu trabalhava que era o CERU e o Museu da Imagem e do Som (MIS), que na época era dirigido por um amigo meu professor Bóris Kossoy que era um fotógrafo e grande preocupado com a memória imagética da cidade e me propus a trazer as grandes lideranças do carnaval de São Paulo para o espaço do MIS e, junto com o MIS, explorar a memória desses guardiões da memória do carnaval paulistano, que eram seu Nenê da Vila Matilde, Zézinho do Morro da Casa Verde, vários deles, na verdade todos os grandes nomes do carnaval antigo de São Paulo da formação original do carnaval popular, eu fui trazendo.

Para o carnaval branco de origem imigrante eu já tive mais dificuldade por que a grande maioria das famílias dos bairros operários da Lapa, Água Branca, Mooca e do Brás tinham feito um processo de ascensão social na nossa cidade, as novas gerações já não viviam mais nestes bairros operários originais, tinham se mudado para bairros de classe média e classe média alta, e nessa mudança levaram os seus avós, os seus pais e seus avós que não viviam mais no bairro onde eles tinham desenvolvido esse carnaval branco do início do século. Eu tive que buscar algumas pessoas, alguns senhores de mais idade na Lapa, na Água Branca e no Brás e muitos deles não conseguiam chegar no Museu da Imagem e do Som e não se interessavam em dar um

depoimento lá no museu e eu tive que entrevistá-los nas suas casas ou nos espaços que eles escolhessem, mas consegui colher também uma quantidade significativa de depoimentos orais sobre o carnaval branco.

Logo de início nos primeiros depoimentos que eu colhi que foi com o seu Zezinho do Morro da Casa Verde ele trouxe um conjunto de fotografias antigas que ele tinha sobre a participação do carnaval, desde a idade de 8 anos, quando ele saía levado pela mãe pra desfilhar no cordão Camisa Verde e Branco, da Barra Funda, e aí quando ele chegou com as fotografias eu disse: “Seu Zezinho é um carnaval que eu não participei que eu não conheci, eu prefiro primeiro colher o seu depoimento oral e depois a gente senta junto e o senhor vai me contar o que é essas fotografias representam o que elas contêm e quais são os dados que a gente pode perceber a partir dessas imagens”. E terminada a gravação oral eu me sentei ao lado de seu Zezinho e com a fotografia entre nós dois, começamos uma conversa. Seu Zezinho era uma pessoa muito reservada que falava pouco, mas tinha um grande processo de reflexão, quando ele respondia uma questão e depois eu fazia uma pergunta ele demorava um certo tempo para responder, mas quando ele respondia e não respondia a questão com dados brutos, ele já respondia a questão com dados trabalhados e que denotavam uma reflexão muito grande. Ao trazer a fotografia entre nós dois e começar um processo de exame e esclarecimento dessa fotografia eu percebi que a timidez e que o retraimento de seu Zezinho caíam por terra e ele se tornava muito mais loquaz, ele falava com muito mais entusiasmo e eu notei então que as fotos históricas antigas poderiam ser um argumento muito bom, o melhor depoimento do antigo carnavalesco e para permitir aos pesquisadores construir perguntas e questões melhor embasadas no processo de reconstrução dessa memória e passei a pedir a todos eles que me trouxessem as suas fotos antigas para a sessão de depoimento que a gente gravava no Museu da Imagem e do Som e quando ia a casa dos participantes do carnaval

branco pedia a eles também que fossem buscar nos seus baús, na caixa de sapatos encima do guarda-roupa as fotografias antigas que eles tivessem para ilustrar o depoimento que estavam dando.

E com isso terminado o trabalho eu tinha mais de 500 fotografias históricas sobre o carnaval de São Paulo e precisava na verdade encontrar uma maneira de integrá-las ao texto que eu havia produzido sobre essa reconstrução sócio-histórica do carnaval paulistano.

Eu me lembro que eu estava em uma das ultimas revisões do livro, era um domingo a tarde, e eu estava insatisfeita porque como eu havia feito uma espécie de álbum com as fotografias mais significativas para defesa do doutorado e tinha feito legendas muito suculentas para cada uma das imagens, a editora não quis desmontar esse álbum e preferiu editar as fotografias ao fim do livro. E eu dizia que elas precisavam dialogar com o que eu estou na verdade analisando e explorando aqui no texto. Ai nessa última revisão me surgiu a idéia no momento do texto em que eu achava que a fotografia poderia falar mais um pouco ainda sobre aquilo que eu estava discutido, colocar um pequeno ícone de uma máquina fotográfica e no centro dessa máquina fotográfica colocar o número da fotografia que constava no álbum do fim do livro, para assim permitir ao leitor quando ele quisesse se remeter a imagem para esclarecer mais profundamente aquilo que estava sendo discutido.

O meu livro tem na segunda parte dele esse álbum fotográfico e por isso vocês vão ver que cada legenda começa por uma pequena máquina fotográfica com o número que faz a ligação com o texto, que está todo permeado pelas maquininhas fotográficas que permitem essa relação. Porque que eu queria na verdade essa possibilidade? Porque eu estava convencida que as imagens fotográficas eram dados fundamentais para o processo de entendimento dos dois tipos de carnaval. Um carnaval negro que resultava de um esforço muito grande da população dos três

territórios negros de São Paulo durante todo o ano realizando uma série de atividades como romaria, bailes, piqueniques, idas a Santos e tudo mais pra coletar o dinheiro necessário pra montagem desse carnaval luxuoso que eles realizavam na época certa.

E outro tipo de visão do carnaval, que era a visão dos descendentes de imigrantes com o seu bairro definido o seu clube de bairro e a realização no carnaval no clube de bairro durante quatro dias seguidos com bailes noturnos e com matinês durante o dia para as crianças e para os jovens, produzindo, na verdade, uma riqueza muito significativa de um capital volumoso que permitia então o funcionamento do clube de bairro durante o resto do ano. Enquanto os negros arrecadavam e trabalhava intensamente durante todo o ano pra poder montar o seu desfile carnavalesco que os mostrava pra cidade branca discriminadora e voltada para o trabalho que eles eram um grupo que tinham uma cultura significativa, que eram capazes de criar no campo da arte e que se afirmavam etnicamente como diferentes do contingente branco. O carnaval era pra eles um momento de afirmação identitária, é o momento pleno de satisfação porque era o momento onde eles se tornavam os grandes atores no espaço da avenida, eles é que estavam criando, produzindo a mensagem culturalmente válida e estavam sendo reconhecidos pelo resto da população como um grupo muito significativo nessa cidade voltada para o trabalho.

E os brancos na verdade, se valendo do tempo do carnaval com os seus desfiles e com os bailes numerosos pra produzir o capital necessário que permitisse ao clube de bairro continuar reunindo o grupo de famílias imigrantes todos os finais de semana numa convivência muito significativa para a manutenção desse grupo, geralmente de origem italiana, no bairro popular da cidade de São Paulo. A grande conclusão da minha pesquisa, além da reconstrução sócio-histórica que eu elaborei, foi essa visão diferenciada que brancos e negros tinham em relação aos festejos carnavalescos, enquanto para os negros era o momento mais importante do ano, era o ápice de uma

caminhada cheia de sacrifícios e cheia de lutas para sua afirmação étnica e cultural, para os brancos ele era o momento para a produção de recursos que permitisse a convivência étnica e cultural do bairro durante todo o ano.

Em largas pinceladas era isso que eu queria trazer aqui pra vocês pra abrir a nossa discussão.

***Nanci:** Posso fazer uma pergunta específica porque a gente ainda tem um tempo na sua fala. Eu li o seu livro e há uma abordagem na questão das mulheres, se você pudesse colocar essa sua percepção na história acha que já aproveitaria.

***Olga:** Quando eu vou focalizar em um dos capítulos o tema mulher e carnaval, eu digo que na verdade a visão que a gente tem pelos meios de comunicação de massa sobre a participação feminina no carnaval é uma visão errônea, porque a gente as enxerga luxuosamente despidas no alto dos carros alegóricos, enfeitando o desfile carnavalesco. Mas, o papel feminino através do recolhimento dessas histórias e desses depoimentos tanto de homens como de mulheres é muito diverso. São elas que na verdade vão criar as condições para que as associações carnavalescas, sejam elas brancas ou negras, lideradas pelos seus maridos, filhos ou irmãos, possam na verdade funcionar de maneira adequada durante todo o ano, possam realizar o trabalho de recolha e produção desse capital necessário para a montagem do desfile e elas ficam em uma espécie de papel secundário, na sombra, trabalhando na elaboração das fantasias, ajudando na cozinha para produzir os alimentos necessários que vão ser vendidos durante os ensaios, introduzindo seus filhos, ainda crianças, no festejo e na alegria do carnaval e dando todo apoio necessário para que os seus maridos, ou seus filhos ou seus irmãos possam montar esse carnaval.

Eu me lembro entrevistando Dona Tereza, a esposa do seu Nenê da Vila Matilde ela me dizendo: *"Olha professora á cada início de ano eu renovo todos os meus eletrodomésticos"*, eu falei como assim Dona Tereza? *"Porque a verba da prefeitura não chega, as fantasias estão encomendadas, as costureiras e as bordadeiras precisam ser pagas pra que a gente possa ter as fantasias pro desfile e aí começa a dar o desespero, aí a gente começa a vender, eu vendo tudo que eu tenho dentro de casa, fico sem nada, porque é com esse dinheiro que eu vou na verdade conseguir adiantar aquilo que a prefeitura diz que vai dar e que permite que a escola vai pra avenida, depois se a prefeitura der eu posso comprar os meus eletrodomésticos de novo e me aparelhar dentro de casa, se ela não der, o que as vezes também acontece, aí é uma longa luta para devagarzinho ir comprando tudo de novo pra ter a minha casa aparelhada, então eu já sei e já espero por isso que todo ano eu vou na verdade adiantar a verba pra que o desfile aconteça através dessa venda de todos os meus eletrodomésticos aqui dentro de casa"*. Então é um papel que a maioria daqueles que estão assistindo o desfile carnavalesco, que estão na quadra da Escola de Samba muitas vezes não se dá conta, é um papel que é exercido na sombra com muita garra com muita generosidade, com muita vontade que a escola seja bem sucedida e que seu marido e seu filho, seu sobrinho se sintam reconhecidos e valorizados pelo trabalho que realizam na escola e raramente elas recebem na verdade o reconhecimento e a homenagem que merecem por essa vida voltada silenciosamente para o sucesso e para o progresso do desfile carnavalesco.

2 – O Samba e a cidade

Maria Aparecida Urbano

***Maria Aparecida:** Boa tarde á todos, pra mim é um imenso prazer estar aqui conversando com vocês. Eu não sou uma professora universitária e sim uma sambista, me considero professora sim na minha última tese feita foi na academia da Faculdade de Samba Barroca Zona Sul, é interessante falar isso porque é a única Escola de São Paulo que leva esse nome é Grêmio Recreativo Cultural Faculdade de Samba Barroca Zona Sul.

***Nanci:** Samba se aprende na escola.

***Maria Aparecida:** E por lá eu me formei também. Bom, para falar um pouco da gente, eu tenho 36 anos de avenida, comecei a minha carreira na São João Kuclsar, nos últimos anos de desfiles da São João Kuclsar, de lá para Tiradentes e da Tiradentes para o Sambódromo, sou carnavalesca e sou a primeira mulher carnavalesca de São Paulo, porque quando as escolas começaram a ter regulamentos, não existia ainda aqui em São Paulo o papel do carnavalesco. Quem era carnavalesco era a pessoa que sabia fazer alguma coisa de artesanato, sabia pintar, pregar, sabia alguma coisa e assim eram feitos os carros alegóricos, assim eram feitas as fantasias. Geralmente as escolas eram em bairros e sempre em comunidade e nessas comunidades um ajudava o outro. Quem sabia costurar, costurava. Quem sabia cortar, bordar e assim se faziam as fantasias, foi dessa forma que foram surgindo as primeiras escolas de Samba em São Paulo.

E por falar em primeira Escola de Samba em São Paulo, vamos voltar um pouquinho no tempo porque eu tenho a impressão que o que mais que vocês

gostariam de ouvir hoje é sobre a parte da imprensa falada, escrita, televisionada e internet. Vamos entrar um pouco por esse caminho, a coisa mais importante para todos nós, o que se escreve fica o que se fala evapora com o tempo, o que é feito DVD, CD pode ficar, pode sumir, nós tínhamos antes aquelas fitas enormes, depois os *cacetinhos* que a gente ia atrás das pessoas gravando, tudo isso sumiu, mas e o que se escreveu, o que se escreveu é o que se conta a nossa história. Muito antigamente aqui em São Paulo existia o Correio Paulistano [jornal], nesse Correio Paulistano é que nos aprendemos a história dos carnavais de São Paulo. Das grandes sociedades e das pequenas sociedades.

Grandes sociedades porque eram clubes de elite, que saíam com seus carros alegóricos, tudo isso aqui em São Paulo hein! Feito por artistas plásticos e no movimento e muito bonito, desfilavam no centro da cidade. E as pequenas sociedades eram as comunidades negras no começo, e se juntavam aquela comunidade e saíam como bloco, como rancho, como cordão e iam desfilando onde? Nos bairros. E o primeiro encontro dessas entidades foi, não sei muito bem, se foi na Celso Garcia, porque antes disso os negros em 1935, 1936 eles foram banidos do centro da cidade e não tinha vez nenhuma de se apresentar em lugar nenhum, então o que foi feito com a imprensa que dirigia o carnaval, eles pegaram todas essas comunidades pequenas, que eram pequenas unidades carnavalescas e levaram pro Parque Água Branca e esse parque que existe até hoje, lá eram feitas exposições de indústria, é como antigamente que nós tínhamos a aldeia aqui e tantas feiras, era feita lá e na época de carnaval eles pegaram todo esse povo das pequenas sociedades e levaram todos pra lá porque assim a cidade ficava livre dos negros, era assim os negros.

Então o que aconteceu essa época?

Em 1934, pelo jornal O Correio Paulistano nós ficamos sabendo que existia a primeira Escola de Samba porque até aí em São Paulo só tinha blocos, cordões e

alguns ranchos, e o que aconteceu é que surgiu aqui em São Paulo a Escola de Samba Primeira de São Paulo, foi criada por Eupídio Faria, ele era um negro muito alto, muito comandante de grupo e ele passou muitos anos no Rio de Janeiro e com essa passagem de lá, que no Rio de Janeiro as Escolas de Samba começaram em 1928, ele aprendeu muita coisa e veio pra São Paulo e fundou a primeira Escola de Samba de São Paulo, acontece que foi uma Escola muito bem organizada, coisa que aqui a gente não tinha, cada um fazia a sua fantasia, não tínhamos enredo, era tema, então surgia um tema, vamos desfilarmos de marinheiro, aí cada um fazia a sua roupa de marinheiro e lá ia pra avenida, se juntavam e lá iam. E era assim, cada um tinha uma proposta e ia embora.

Mas ele não, ele já vinha com tudo preparado, ele já tinha, o enredo, ele aprendeu no Rio de Janeiro, porque o enredo é importante e soube montar a Escola até com departamento feminino muito bem preparado. O que aconteceu? A primeira aparição dele em público foi na passagem de ano de 1935 para 1936, foi um sucesso, os jornais publicaram todos os eventos que ele participou, ganhou tudo que era concurso porque ele ia concorrer com esses grupos menores. Claro que ele sendo muito mais organizado ele ganhava sempre, acontece que no Brasil nos tivemos a Segunda Guerra Mundial e com ela o carnaval foi a primeira coisa que foi suspensa, e como foi suspensa, esses grupos sumiram. Mas esses grupos de samba de São Paulo, grupos negros no começo, eles eram montados, criados dentro de família, era o pai, a mãe, o tio e aí começou o vizinho, o quarteirão mais abaixo vinha e aí foi crescendo e aconteceu uma comunidade. Em cada bairro tinha uma comunidade, nessa época todo mundo parou, quando terminou a Segunda Guerra houve a volta, mais isso bem para a frente, voltaram as Escolas de Samba.

Aquelas que eram de família voltaram e continuaram que nós temos muitas até agora entre nós. A Primeira de São Paulo e funcionava da seguinte forma: a casa de

Eupídio era em Higienópolis, ele fazia as reuniões dele lá dentro da casa dele, mas ele tinha um lugar que ele fazia um encontro, que era na Florêncio de Abreu, nº51, que hoje já não existe mais. Ali quem tinha vontade de participar de uma Escola de Samba ia pra lá, então não era aquela comunidade de família e não sendo aquele grupo familiar, na volta ele não voltou porque os membros da sua comunidade eles se dispersaram e a Primeira de São Paulo sumiu. Tanto é que nosso antigo companheiro de samba, o seu Nenê, teve até alguns bate-bocas falando sobre esse assunto com ele, ele não admitia que tivesse existido outra escola de samba.

Muitos ainda admitem que a primeira Escola de Samba de São Paulo foi a Lavapés, ela é considerada a mais antiga e foi fundada em 1937, é a mais antiga de São Paulo que está ai ainda. Mas a Primeira de São Paulo existiu e muito bem. Mas o que eu queria falar é o seguinte, pelos jornais é que nós sabemos de todas essas histórias. Soubemos como se comportavam as grandes sociedades e as pequenas sociedades o que acontecia desde janeiro até dezembro, depois do jornal, as revistas do rádio que falavam sobre as músicas carnavalescas, marchinhas. Como é que hoje ninguém lembra um samba enredo nem do ano passado, vagamente a melodia de um samba que ficou atrás, mais por quê? A mídia aquele tempo era rádio e a rádio tocava de dezembro a fevereiro o dia todo, algumas estações uma em uma hora outra em outra as marchinhas carnavalescas, então todo mundo aprendeu. E o que o pessoal daquela época aprendeu e passou pros filhos, dos filhos pros netos, e hoje vocês cantam ainda toda aquelas marchinhas como "*Mamãe eu quero*", "*Alalaô*" e todas elas ta bem na cabeça de todos ainda. E os novos sambas enredo não, por quê? Eles não têm a oportunidade de serem tocados em rádios, nem em televisão. Hoje o negócio é evolução e tal que não tem tempo pro samba, tem notícia todo dia, essas notícias atropelam e é mais importante e o vai ficando pra trás. Mesmo a revista, a gente tinha antigamente a Manchete, o Cruzeiro e as reportagens eram muito completas, cada

pessoa que escrevia se preocupava em detalhes, então nós podemos contar até hoje muitas histórias do nosso carnaval pelas revistas e pelos jornais.

Hoje eu sinto uma falta muito grande disso porque os jornais publicam sim, têm alguns jornalistas ainda que se preocupe em trazer a verdade que ele consegue pegar em uma quadra, com uma pessoa, com os diretores da Escola e levar para o jornal, mas a maioria dos jornalistas dá a notícia e quando dão a notícia, as vezes eles vêm, interpelam a gente e faz uma entrevista, as vezes de horas, mas eles já botam uma coisa na cabeça dele que e quer ver se a pessoa chega naquilo que ele quer quando não chega ela fala: *"Ah! Pois é, fulana de tal admitiu que está acontecendo isso"*, quando na verdade nós não falamos isso.

Então acho que o caminho de jornalismo tem que ser um trabalho muito sério, tanto quem escreve para o jornal como para revista, como quem transmite em rádio, televisão, internet que hoje nós usamos tanto e tem tantos programas já sérios dentro da internet e o que a gente busca dentro da internet tem que ser sempre a verdade, sempre a verdade não adianta mascarar a verdade sempre aparece. E também a diferença que existe do que era o carnaval e o que é hoje, e o que é Escola de Samba eu sempre faço essa divisão inclusive no meu livro eu usei muito isso; o que é o carnaval? O que é escola de samba? O carnaval é eterno, sempre existiu é da liberdade da pessoa, se modificar a sair á vontade pelas ruas e a Escola de Samba não, ela tem compromisso, ela tem um enredo, ela traz histórias pra avenida.

Eu não sei se vocês têm a oportunidade de acompanhar os enredos que estão sendo levado para os jornais. Infelizmente também quem transmite para a televisão ou não tem essa vivência ou essa preocupação de levar a história que as escolas trazem. Nós muitas vezes encontramos enredos nas Escolas de Samba que o povo não conhece, isso aconteceu com as histórias dos negros, até a participação em 1978 do Fernando Pamplona, que trouxe o primeiro enredo – O Zumbi dos Palmares – Ninguém

conhecia nada sobre a comunidade negra. Quem eram esses negros? Quê era a África? O que veio da África? Então era uma coisa absolutamente colocada de lado, tanto também o nosso folclore, ninguém falava do nosso folclore, depois de Fernando Pamplona, graças a Deus, nós tivemos uma abertura enorme, hoje nós conhecemos muitas histórias que às vezes os próprios livros não contam. Mas pesquisadores, que são os carnavalescos, vão atrás, vão esmiuçar toda aquela história e trazem e para a avenida. O papel do carnavalesco é de um pesquisador, ele faz o papel de um diretor de teatro porque hoje na avenida nós temos uma apresentação. Na minha abertura na Jovem Pan eu sempre digo isso que nós estamos a frente de um grande espetáculo, é o maior espetáculo do mundo, um espetáculo que dura 14 horas ou mais como é os nossos dois dias de espetáculo, e às vezes muito mais, continua contando histórias fabulosas, com cenários ricos, muito bem bolados porque o carnavalesco entra nas histórias, ele participa desde a colocação das figuras principais, que são os destaques que vão encima dos carros alegóricos, que muita gente vê uma fantasia muito bonita e não tem idéia o que é aquilo. E infelizmente a televisão não segue esse ritmo de mostrar *"ali está o destaque tal que participa do enredo, o que ele representa dentro do enredo"*, infelizmente ele passa, e é uma história completa e essa história que nós trazemos para avenida é um espetáculo que é preparado pelas escolas de samba.

Na verdade, ali na avenida você não encontra a Escola de Samba, você encontra um público que nós até brincando que são *sambeiros*, que gostam de carnaval e para participar do carnaval eles participam de uma escola de samba e saem na avenida. Nenhuma comunidade de Escola de Samba durante o seu ano todo nas suas festividades – isso eu já estou calculando as grandes Escolas – na sua comunidade eles não tem mais que 500 – 800 pessoas participantes, mas na avenida, isso por causa de imposição da mídia, ela sai com 3 – 4 mil pessoas. Da onde vêm essas pessoas? Do público em geral, daquele que quer aparecer na avenida e tem o prazer de vestir uma

fantasia e tem os seus 70 minutos de glória, esse é nós falamos entre nós os *sambeiros*, mas que pra nós é necessário. Porque uma Escola de Samba vier como ela é normalmente com 500, 700, 800 pessoas, a televisão nem vai olhar, o jornal nem vai ter a curiosidade de saber que Escola é, então o que nós vamos fazer, abrir as portas e se unir novamente com o chamado carnaval que é a integração do povo na sua fantasia, no seu momento de glória, na sua transformação. Então novamente as Escolas de Samba estão rígidas com as suas raízes culturais se voltam a fazer um carnaval para a mídia, para o público em geral, que na verdade essas pessoas que saem dentro da Escola de Samba que vão à quadra, têm dinheiro, compram a sua fantasia, juntam os amigos e vão pra avenida, pra eles é uma glória, uma satisfação – puxa saí na Escola tal – Beleza! Só que tem uma coisa ele não conhece o que é um pavilhão, o porquê aquele pavilhão está na avenida, o que ele representa para a Escola. Ele não conhece quem é o presidente, ele não conhece a ala da velha guarda porque que aquela velha guarda está lá, tudo isso para ele passa despercebido.

E hoje a Escola na avenida o que ela é? Onde está a Escola de Samba hoje, no seu pavilhão, no casal de mestre-sala e porta-bandeira, na bateria, na ala das baianas, na ala da velha guarda, essa é a Escola de Samba que hoje está na avenida. Todo o restante, todo o enredo é o espetáculo, é o grande espetáculo que vocês todos assistem.

Geralmente eu me preocupo porque quando eu começo a falar eu falo demais (risos). Ai também eu vou dar mais uma pincelada da Escola de Samba pra vocês. Essa semana eu dei uma palestra no clube Israelita contando o que é uma Escola de Samba durante o ano todo, independente do carnaval. Como é que ela funciona, quem é ela, quem trabalha e todo mundo se admirou muito de saber que uma Escola de Samba tem um contingente muito grande de empregados registrados que trabalham o ano todo e na época de carnaval tem empregados contratados. E é uma gama muito

grande de profissões diferentes, por exemplo, quando se fala em fantasia, a nós temos uma oficina de costura muito grande, desde a modelista, cortadeira, costureira, overloquista e todas as pessoas dedicadas ao final de uma fantasia, depois vem as bordadeiras. Hoje em dia se cola muito as fantasias, coisa que antigamente não se fazia, só ai é uma oficina montada com todos os detalhes com as 30 máquinas trabalhando sobre a supervisão também de uma diretora ali da escola que toma conta de toda essa parte. Também eles não sabiam que dentro do enredo tem que ter e se montar uma fantasia de cada ala que uma turma de costureiras vai preparar, vai ter um dia especial para que essas fantasias sejam colocadas primeiro para a diretoria aprovar todos aqueles figurinos e se não aprovar tem que dar as mudanças e depois um dia especial já um tipo de uma festa, para demonstrar os pilotos principalmente pra quem ajuda a escola, os patrocinadores da Escola porque hoje nenhuma Escola vive sozinha, por mais que ela trabalhe o ano todo, a despesa é muito grande perto da receita, então ela tem que ter patrocínio. Patrocínio claro não vai pra avenida com o slogan do patrocinador porque é proibido, mas dentro da quadra ela pode fazer isso.

E na quadra nessa hora de ensaio geral as quadras grandes ficam até 5 mil pessoas vendo o slogan de uma firma que está ajudando a Escola, então é uma propaganda muito grande. Então nessa área de propaganda também a escola recebe também a sua colaboração e às vezes até quase se ferram, como o ano passado a Cacau Show, acho que todo mundo deve ter acompanhado o que aconteceu com a nossa querida Angelina [presidente da Escola de Samba Rosas de ouro]. Quando eu estive na quadra ela estava entrando em contato com o dono da Cacau Show e ela falou pra mim: *"Ah Cida eu to devendo tanto, eu preciso arrumar um patrocínio e esse caiu do céu na minha mão o que você acha do enredo?"*. Eu falei bom não sei o que ele quer, porque ele ia trazer o enredo. Falei *"primeiro você vai ter que ver o enredo para ver se vale a pena ou não para a Escola"* e ela estava com 300 mil reais de dívida

naquele mês e daí, 300 mil numa Escola de Samba não é nada, mas ele chegou o enredo ela achou que era legal e os 300 mil na mão – Meu Deus do céu – Vamos botar a casa em dia e ela aceitou. O enredo muito bom mesmo, mas e depois pra levar pra frente ela tinha exclusividade com ele, não podia ter mais patrocinador, o que ela sofreu durante o ano todo por causa de um patrocínio não foi brincadeira. E quando chegou na época da gravação, ela chegou a gravar o samba, só que no samba ela falava que “o cacau é um show” e foi cortada por causa dessa frase. Já tinha mandado fazer todos os CDs, e aí? Mudar, como mudar em cima da hora. Se ela fosse com isso ela ia ser penalizada em 10 pontos, é mesma coisa que tirar uma Escola da avenida, foi cruel, ela sofreu muito, teve que refazer o enredo, aí ela deixou bem claro, ela tirou o show e eu já nem me lembro mais o que ela colocou no lugar – o samba é show – Mas quando ela conseguiu o campeonato, que ela mereceu por todo o sofrimento que ela passou, a gente que acompanhou e sabe o que foi sofrido, que ela entrou na avenida no dia da apoteose ela gritou bem alto: “*O cacau gente é Show*”, com toda a alma dela, foi muito bonito, ela mereceu, mas veja só, as vezes por causa de uma Escola estar endividada acaba caindo numa coisa que não é legal para a escola e como essa história muitas outras aconteceram nestes 30 e tantos anos que a gente tem de experiência, quantas coisas aconteceram dentro do samba que a gente acompanhou. Obrigada.

3-Imagens do carnaval

João Kuclsar

***João Kuclsar:** Boa tarde a todos queria primeiramente pedir desculpas para os colegas de mesa, organização e o pessoal do público e audiência pelo meu atraso, houve um imprevisto, saí com muita antecedência, mas poderia ser até pior.

A minha perspectiva é bem diferente eu gosto muito de carnaval, adoro carnaval, mas a questão e a minha aproximação é pela imagem. Eu sou professor de Fotografia do Bacharelado aqui do Centro Universitário SENAC, então a partir do convite do Fernando, eu procurei dar outra perspectiva, outro ponto de vista, não sei se com alguns problemas ou não, mas eu acho que aqui tem algumas pessoas que qualquer coisa podem comentar, falar, fiquem a vontade, não tem problema nenhum, não tenho receio.

Eu comecei a fazer não uma pesquisa como o da professora mais uma busca de imagens de carnaval, uma aproximação de imagens antigas do carnaval e essa foram algumas imagens que consegui pela internet antigas. A colega também estava falando de como as pessoas se comportavam nos blocos. São imagens á primeira da esquerda de 1909, desculpe não tenho crédito mais para frente tem as imagens com o crédito, depois em baixo de 1914 e de 1910 no Rio de Janeiro. Essa é uma imagem também do carnaval de 1932 e também ali na frente á Carmem Miranda e aqui em cima a Aurora Miranda. E comecei a pesquisar essas imagens desses blocos, essa é uma de Pierrô em Salvador 1953. E aqui começa o que eu queria discutir um pouco com vocês a questão das imagens nas revistas, nos jornais, como é que a imagem de carnaval é colocada. Eu começo mostrando essa revista é uma revista chamada "Vu" pra gente compreender um pouco a questão das imagens da revista, independente de ser imagem de carnaval, a primeira imagem fotográfica aparece num jornal de 1888 que

as técnicas ajudam a se colocar uma imagem fotográfica num jornal. Essa imagem era de uma favela, foi nos Estados Unidos, a partir daí houve um desenvolvimento técnico de fotojornalismo que normalmente uma imagem de carnaval é associada com fotojornalismo, uma fotografia documental que registra aquilo que está acontecendo. Essa era uma revista muito ousada para a época a revista “Vu” dos anos 30. Essas revistas aparecem também porque na década de 20 apareceu uma câmera chamada Leica, uma câmera pequena que se usava um filme de 35 milímetros e colocava nessa câmera fotográfica ai você tinha versatilidade e então poderia ir a campo pra fotografar, você não tinha que ficar num estúdio com iluminação, as câmeras antigamente era muito grandes, então você conseguia começar aqueles registros que vocês viram alguns deles não como uma Leica mais com outros tipos de câmera um pouco mais pesadas mais elas tinham que á partir de um determinado momento ter uma leveza e conseguir registrar as imagens.

E começa, a partir dos anos 1930, a aparecer as revistas, em 1929 a revista Time, em 1936 a revista Life, nos Estados Unidos. Eram revistas mais limpas a gente pode estar vendo do lado esquerdo tem a revista Life, a primeira edição de 1936, é bem simples com uma fotografa famosa Margareth Bourke-White e depois vocês vão vendo que depois nos anos 1960 já começa aparecer imagens e o título da revista e muitas vezes legenda.

Só uma pequena amostragem da revista Life para gente entrar nas imagens de carnaval para a gente ter uma idéia do tipo de fotografia, porque principalmente essa revista ela serviu assim... Essa revista aqui é da Inglaterra Picture Post também dos anos 30 e na França a Paris Match. São revistas porque nessa época só aparece, mais ou menos nos anos 1950, a televisão, então o mundo visual era por meio das revistas e de jornais. Essas revistas por vezes tinham cerca de 18 páginas de grandes ensaios fotográficos, os foto-jornalistas faziam grandes temas e faziam esses jornais. Essas

são duas revistas americanas a Time e a Newsweek, eu só as coloquei aqui para mostrar um pouco a foto da frente, mais é a primeira vez que fica tão aparente a questão da manipulação da imagem e a gente vai ver isso daqui á pouco numa foto de carnaval, onde um famoso jogador de futebol americano, depois ator, como se fosse o Pelé aqui no Brasil, O. J. Simpson, ele cometeu um crime e foi preso e a foto que foi tirada foi uma foto da polícia que é uma foto padrão que você tira num determinado local, só que cada revista colocou a perspectiva que achava dele e a manchete que achava. Então a revista Time foi mais preconceituosa, escureceu o rosto dele, a imagem original era uma e as revistas uma escureceu mais que a outra. A Time escureceu mais o rosto dele pra dar uma característica mais negativa.

Agora um tema mais contemporâneo a Suzana Vieira "*Não me escondo de ninguém*", com photoshop ela não precisa se esconder de ninguém, eu quis comentar e mostrar um pouco dessa imagem de que sempre teve essa manipulação, mexer com as imagens porque o que a gente vê ultimamente nas revistas nas capas é essa grande manipulação e tratamento das imagens.

***Olga:** E antes era num laboratório muito mais difícil, muito mais penoso mais agora com a informática num instante elas estão remoçadas.

***João Kuclsar:** Exatamente, era muito mais difícil, tinha que ter um grande laboratorista para trabalhar e agora hoje com alguém que trabalha no photoshop consegue resolver rapidamente todas essas questões. Eu me lembro, abrindo esse parênteses da primeira vez que apareceu, quem é mais antigo lembra da Hortência na Playboy, eu não vi a Playboy, mas eu vi a capa, mas era impressionante, ai eu percebi eu não trabalhava com fotografias tão intensamente eu vi.

***Olga:** Na verdade antes do photoshop os russos eram os especialistas nesse processo de transformação laboratorial que todos aqueles que caíam em desgraça em relação ao regime político eram retirados das fotografias oficiais e outras pessoas colocadas no local, e isso era um processo que levava tempo, muito trabalho e tinha que ter o profissional muito bem formado pra realizar essa limpeza política nas fotos oficiais. Hoje em dia a gente vê isso e qualquer um faz, um jovem que tem algum domínio sobre a informática é capaz de realizar esse processo, então ficou muito mais comum e muito mais democratizado vamos dizer.

***João Kuclsar:** Têm umas imagens do Stalin, ele estava com quatro pessoas, é um livro famoso que tem dele e daí mostra as quatro fotos, mostram quatro, depois três, depois dois, depois só ele, ele vai eliminando as pessoas das imagens. Eu queria mostrar agora alguns fotógrafos que fizeram e trabalharam com imagens do carnaval de Olinda em 1947, de Marcelo Gaterrot documentando a festa popular, e nessa época era um pouco diferente, as câmeras que eles usavam eram de médio formato, não sei se dá pra perceber do lado esquerdo eram mais quadrados, os negativos e os formatos mais são imagens que mostram em preto e branco. O filme colorido aparece em 1936, a partir dessa evolução do filme que começa. Mas alguns fotógrafos que faziam fotografia documental usavam o preto e branco. Essas duas imagens são do Rio de Janeiro, 1954 e a de baixo 1950, na Praça XI, no Rio de Janeiro. Outro fotógrafo francês que se radicou na Bahia, Pierre Verger, também chega depois da guerra, então se imagina alguém saindo da guerra na Europa e vai pra Salvador, para a Bahia, ele se integra muito as questões da religiosidade e ele fica fazendo a ponte entre a África e Brasil. Aqui também são imagens do carnaval, então você imagina uma pessoa, um francês chegando depois da guerra e encontrar isso no Brasil dessa forma.

Ai é uma foto de Recife, eu não sei, não sou especialista também, mas encontrei em vários momentos essa foto de Pierre Verger que era de um tamborim quadrado.

Aqui também no Rio de Janeiro nos anos 40.

Essas revistas que eu comentei com vocês, eu queria indicar alguns pontos que eu comecei rapidamente mais elas tinham o que? Elas trabalhavam com novos conceitos editoriais, como uma nova forma de se trabalhar com revista em função da câmera, em função dos avanços tecnológicos e inovações. A fotografia não era só na ilustração, tinha um ensaio fotográfico, tinha uma série de fotos sobre um assunto, renovava-se na linguagem principalmente como eu falei quando a evolução técnica e durante esse período os filmes fotográficos ficaram mais sensíveis então você conseguia fotografar de dia, mas também a noite e essas grandes reportagens ilustradas.

No Brasil, que eu vou falar rapidamente e comentar algumas revistas antigas e vamos concentrar mais na questão da Cruzeiro e da Manchete, que falam de carnaval, mas só pra gente ter um período; a Cruzeiro é de 1928-1975, a última edição e era do Assis Chateaubriand, um Roberto Marinho da época, Diários Associados, a Revista Realidade a gente não vai ver essa revista, mas ela tinha outro conceito, o homem era o centro, da Editora Abril de Roberto Civita e a Manchete que durou até os anos 2000 e ela acontece algumas vezes esporadicamente, mas com continuidade de 1952 a 2000. E alguns fotógrafos, Jean Manson, último francês que eu queria comentar, que ele realmente revolucionou o foto jornalismo brasileiro, os outros dois fotógrafos que a gente viu eram fotógrafos documentais faziam grandes ensaios sobre determinados temas e o Jean Manson é um fotojornalista como a gente conhece atualmente, que documenta e registra um determinado fato, uma determinada situação.

O que acontece de importante na revista O Cruzeiro é que esses outros fotógrafos são brasileiros e conseguem registrar da forma brasileira a questão do

carnaval, José Medeiros, Flávio Dan e Luiz Carlos Barreto que depois virou um cineasta. Mostrando um pouco das imagens da revista O Cruzeiro essa imagem inicial pra gente ter um pouco a noção das câmeras fotográficas da época, essa é a final da Copa do Mundo em 1950, no Maracanã, é uma foto do José Medeiros que ele virou o ponto de vista ao invés dele fotografar os jogadores fotografou os colegas, os fotógrafos. Aqui a gente tem um câmera menor de um formato menor do que câmeras de maior formato. Aqui em cima do lado esquerdo a primeira capa da revista O Cruzeiro e depois algumas capas, inicialmente se trabalhava com ilustração, aqui a gente vai ver uma foto da Carmem Miranda, do próprio Jean Manson, e aqui a última capa de 1975 é o Pelé que ele vai jogar no Cosmos que ele está de Tio Sam, que ele ganha uma mala de dinheiro pra jogar futebol nos Estados Unidos.

Aqui é uma foto do Jean Manson, a característica dele não nessas imagens, mas ele era um fotógrafo que hoje ele não poderia trabalhar em jornal porque ele montava todas as cenas, ele montava tudo que acontecia e ele tinha que contar uma história e ele encenava exatamente, - fica com a mão mais pra cá, faz isso aqui - Ontem eu estava com um grupo de fotógrafos conversando e hoje ele seria despedido na hora. Isso não quer dizer que os fotógrafos não façam essa montagem, mas não é permitido eticamente o que ele fazia, mas ele foi considerado um dos pais do fotojornalismo brasileiro porque ele trabalhou nas outras revistas, ele trabalhou na revista "Vu" e na revista Paris Match, então ele trouxe todo o conhecimento das grandes revistas pra trabalhar no Cruzeiro antes dele e do David Nasser, que era um jornalista e que fazia também as reportagens mudou a partir da chegada dele, essa nova orientação, então com certeza aqui ele pediu a melhor composição pra esses dois.

***Olga:** Também é importante lembrar que esses fotógrafos estrangeiros trazem outro tipo de olhar pra realidade brasileira. Enquanto os fotógrafos Brasileiros se

preocupavam mais com a elite e fotografavam geralmente os brancos de algum dinheiro, esses estrangeiros vem com um olhar pro exótico, para o popular e para a cultura popular e vão valorizar na verdade os traços que marcam uma identidade brasileira e popular, por isso que o carnaval vai ser um tema tão importante pra eles. Na produção deles a gente encontra uma riqueza do registro carnavalesco que normalmente com os fotógrafos brasileiros a gente não é capaz de encontrar. Quando eu trabalhei com os meus informantes, na época do início do carnaval ter máquina fotográfica não era pra alguém da classe popular, era muito caro e raramente uma pessoa de classe média tinha uma máquina fotográfica. Então eles se fantasiavam e iam ao fotógrafo do bairro, ao estúdio do fotógrafo do bairro ainda antes de sair para o desfile pra que a fantasia, a maquiagem tudo estivesse intacto, se fotografavam pra deixar aquilo registrado pra posteridade e depois iam pra avenida. E o seu Nenê da Vila Matilde tinha uma preocupação muito grande com o registro fotográfico em relação a sua agremiação. Antes de descer pra avenida ele reunia turmas seja no quintal da casa do pai dele, seja num ponto importante lá da Vila Matilde e fotografava o grupo todo antes de descer pra avenida. Então, essa preocupação com o registro estava presente entre eles apesar deles não terem os meios – vamos dizer – tão fáceis como a gente tem na contemporaneidade.

***João Kuclsar:** Aqui também fotografia de carnaval no Rio de Janeiro e aqui algumas capas para a gente ver um pouco a seqüência de carnaval. Novamente as mais antigas. A revista O Cruzeiro chegou a ser internacional nos anos 1960, aqui é uma edição espanhola e falava basicamente sobre o carnaval. E a revista Manchete, antigamente, as vezes escolhiam uma personalidade, mas a partir dos anos 1980, por exemplo, do lado esquerdo 1986, 1985 e 1986 parece que falta um pouco de criatividade. São sempre três mulheres ou duas, aqui estão em uma seqüência pra

gente ver um pouco a questão da evolução, então 1988, 1989, 1990, mãos para cima não sei por que tem que ter mãos pra cima (risos). Quando é a Luiza Brunet, então ela fica sozinha. A Xuxa me fez lembrar que eu tinha imagens mais antigas dela um pouquinho anteriores a Luiza Brunet e a Xuxa e eu achei duas capas aqui ela com o Pelé, na Manchete, e na Playboy também não vi essa Xuxa da Playboy – Agora uma mais recente a Sabrina Sato, são todas fotos que cada vez mais os fotojornalistas trabalham com fotografia de estúdio, então convidam a fotógrafo, o personagem ou montam o estúdio na casa do próprio personagem, normalmente é mais isso que acontece, maquiadores toda uma equipe de produção. Agora como é mais difícil juntar as estrelas é mais fácil fazer uma colagem, você corta um pedaço de cada uma e põe na capa e continua, e você coloca três, esse é o número. A revista Caras com a Suzana Vieira de novo e agora tem o Juarez Cláudio da Grande Rio.

E aí eu trouxe algumas imagens mais contemporâneas de desfile, minha questão eu acompanho o carnaval e me interessa como eu falei eu vejo sempre as imagens, pego no dia seguinte e acompanho que é o fotógrafo como é que são as imagens e realmente são poucas imagens que se sobressaem e são publicadas. Normalmente, a imagem é uma reprodução do que é visto na televisão, então ontem mesmo eu estava conversando com outro fotógrafo e ele falou o seguinte, ele é um fotojornalista de esportes e ele comentou que teve um jogo do Palmeiras que perdeu pro Goiás, foi eliminado ou perdeu alguma coisa, e a imagem da televisão pegou um menino bravo, chorando, a TV pegou e o que aconteceu a imagem no dia seguinte não era de nenhum fotógrafo, era uma reprodução da televisão daquela imagem, porque todo mundo viu aquela imagem e ficou forte então, hoje o foto-jornalismo e as imagens dos jornais copiam o que é visto na televisão porque é isso que você quer ver no dia seguinte. No seguinte tá fria a questão então é muito copiada então, é difícil você ver

os jornais sofrem essa pressão de reproduzirem aquilo que está visto ou que você vê na televisão no dia anterior.

***Participante da platéia:** Você soube que agora uns 15 dias atrás mostraram o menino de novo feliz no dia que o Palmeiras ganhou.

***Olga:** Não sei se você ficou sabendo, mas existia um jornal antigamente em São Paulo que se chamava A Hora, que perguntava a minha amiga aqui porque eu já não lembrava o nome do jornal, que era especializado em publicar na quarta feira de cinzas as fotos mais escabrosas dos bailes, mais liberais que aconteciam na cidade. Então havia fila na banca de jornal na quarta feira fora as encomendas a priori que o jornalista recebia de toda as pessoas nos anos de 1940 e 1950.

***Maria Aparecida:** Mas a coisa importante também falar que as pessoas que saiam nas fotos eram pessoas contratadas, porque o jornal vendia barbaridade! Então eles contratavam as pessoas em posições não recomendáveis.

***Olga:** De início eram fotos naturais, mas com a vendagem dos jornais houve esse processo de contratação. Ai, eu conversando com uma jornalista que trabalhava neste jornal eu falei: *"mas é verdade mesmo de tudo que falam a respeito?"* E ai ela me disse *"é e eu passei por um aperto tremendo, Olga."* *"Mas que aperto?"* Ai ela falou, porque na verdade quem fazia as legendas, que eram legendas que insinuavam que eram especiais pra determinadas fotos, era um colega meu, mas no dia da quarta feira de cinzas que ele tinha que fazer as legendas ele não veio e ai o editor me disse: *"você hoje vai fazer as legendas"*, ai ela falou – *"eu não sei fazer isso"* – Então ele falou pra ela: *"você é um homem sacana que tem que ter um olhar o mais sacana"*

possível e com esse olhar e com essa visão se sentindo homem que você vai construir as legendas dessas fotos". Ela falou que foi a experiência mais difícil que eu vivi na minha carreira de jornalista e aí você pode ver como a imagem carnavalesca pode ser deturpada e pode ser na verdade uma mercadoria a ser vendida pras pessoas interessadas.

***João Kuclsar:** E a legenda poderia mudar todo o sentido. E aqui essa é uma imagem normalmente do carnaval do Rio, mas que se é muito vendida e repetida nos jornais pela questão que isso é o ponto de vista da televisão. Aqui é do carnaval de São Paulo, eu não sei por que eu achei essa imagem, mais... da Mocidade fotos do José Patrício, Vêrter Santana é agora recente da baiana, e esta aqui é de um fotógrafo chamado David Drew Zingg, nos anos 70 da baiana e também muito importante, mais um estrangeiro que se apaixonou pelo Brasil e decidiu ficar. Ele era maravilhoso.

Aqui outro fotógrafo rancês, ele veio pro Ano da França no Brasil e essa imagem que ele fotografou do carnaval. O que eu queria mostrar com essa imagem era o outro ponto de vista, coisa que normalmente não é mostrado nos jornais. Essa é do Mauricio Lima, esta também. Mauricio Lima era um palestrante, um fotógrafo de uma agência francesa, um brasileiro e que é um fotógrafo diferenciado que geralmente ele vai cobrir a Guerra do Iraque do Afeganistão e a gente vê a diferença de um grande fotógrafo em uma foto como essa e que fala muito.

E para terminar mostrar outro fotógrafo, Walter Firmo que é afro descendente, negro do Rio de Janeiro, e que ele consegue realmente mostrar um pouco daquilo que a senhora estava falando que ele fazia esses registros porque ele entendia, ele gosta do carnaval, então a gente vê uma série de imagens que a gente normalmente não vê nos ensaios, que sabe o vocabulário, que sabe como é que funciona o ano inteiro, quer dizer ele estava lá o tempo inteiro pra acompanhar e pra fotografar essas imagens. O

trem, a luz entrando, ele é considerado um dos melhores que trabalha a questão da fotografia colorida, ele já tem 60 e poucos anos ainda faz workshops e é uma figura e acabou de lançar um livro, veja a fantasia não cabe onde a pessoa mora.

***Olga:** O contraste entre a riqueza da fantasia e a pobreza do entorno.

***João Kuclsar:** E o orgulho de estar com aquilo, estar trajada. Essa é a última imagem também de uma cena de carnaval. Na verdade eram algumas imagens, algumas provocações, mostrar o ponto de vista da fotografia a questão do carnaval foi provocar talvez algumas conversas, era isso. Obrigado.

***Nanci:** Bom, obrigada pelas apresentações acho que tem algumas questões aqui bastante instigantes pra gente conversar do ponto de vista desde a da conformação da questão do carnaval como um objeto de pesquisa, trabalhado e reorganizado e que a professora Olga trouxe como uma das questões que acho bastante interessante e lembrando um pouco da própria história e pesquisa na área do cinema, esses temas também tinham uma abordagem pouco privilegiada, pouco estudada esses temas justamente carnaval, a religião e o futebol foram três temas que ficaram bastante relegados ou trouxeram um olhar bastante discriminatório e até que tinham bastante dificuldade de compreender o que isso ganhava como vivência como uma relação forte a partir do momento que a cultura mesmo vai ganhando outra perspectiva outra relação, não tão subjugada a relação de trabalho, relação econômica ela vai ganhando outras questões. A gente tem no *Garrincha Alegria do Povo*, um olhar do Joaquim Pedro de profundo estranhamento de como é que esta população que vai para o estádio com essa característica que tem a ver com essa foto que o João Kuclsar trouxe, a penúltima da fantasia com o espaço, quer dizer como é que aquele sujeito e

o público está ali envolvido com cada momento, com cada situação e com cada manobra e que significado tem para aquelas pessoas desenvolvendo aquela paixão pelo futebol e no caso aqui a questão do carnaval.

***Olga:** Na verdade, ao falar de futebol você me provocou, porque eu não sei se vocês sabem quanto o carnaval quanto o futebol tem origem européia. O carnaval surge nos países nórdicos quando o frio é muito forte e eles tem que ficar presos nos seus abrigos, seja numa gruta, seja numa construção fechada durante 5 meses porque a neve cobre tudo e pra isso eles levam uma grande quantidade de carne e de gordura que eles vão consumindo muito controladamente, porque não se sabe se a primavera vai chegar no começo de fevereiro ou se ela só vai vir no começo de março. Quando chega a primeira lua cheia de fevereiro, eles vão observar os ursos e por isso que o urso está sempre presente no carnaval e sai desfilando no Recife todo ano. Se o urso começa a acordar do seu processo de hibernação é sinal que a primavera está chegando e ai eles precisam rapidamente consumir todas as carnes e gorduras que ainda restam porque com o tempo quente elas vão apodrecer, daí então é uma grande festa de alegria pela volta da primavera em honra á Deusa da Fertilidade e de consumo de carne e gordura é por isso que no nosso inconsciente, até hoje, existe a idéia de que na época do carnaval há mais liberalidade nas relações sexuais, nas brincadeiras, no jeito de se vestir e de se maquiar. Está ligada a essa homenagem a Deusa da Fertilidade e nesse processo na verdade as festas aconteciam primeiro na Europa, na França, Veneza, Itália e tudo mais e quando são trazidas através do processo colonial pro Brasil elas vão ganhar um novo sabor, um novo entusiasmo e uma nova criatividade porque se soma a uma contribuição afro, com toda a capacidade de produzir música, de dançar, vestir de se fantasiar de se transmutar. E ai o carnaval vai ter um significado muito importante no nosso país e vai ser chamado

de País do Carnaval por causa dessa somatória de uma raiz européia com uma contribuição africana.

O futebol é a mesma coisa. Nasce na Inglaterra, vem para cá nos clubes dos ingleses que participavam das primeiras multinacionais voltadas as coisas de frigoríficos de carne, era um joguinho meio parado, meio insosso, ai faltava pessoas pra jogar porque o inglês tinha voltado para a Inglaterra, eles vão buscar um funcionário da fábrica pra participar, aquele que já estava gostando de copiar o jogo e os passes ai entra de novo a criatividade e a capacidade dos afros descendentes de realizar o jogo com uma capacidade que os ingleses ficaram embasbacados e o Brasil vai se tornar o País do Futebol. Então, são trajetórias muito paralelas de duas manifestações que nascem com as elites que vão ser melhoradas e recriadas e colocadas num patamar muito superior pela participação popular, principalmente da participação da cultura afro-brasileira.

É neste sentido que eu queria na verdade fazer essa contribuição para as nossas discussões.

***Nanci:** Alguém quer fazer alguma pergunta?

***Participante da platéia:** Por favor, a minha curiosidade notando a transformação após primeira Guerra, um pouquinho que antecedeu a segunda Guerra, essa transição toda. A minha curiosidade é, o carnaval seria isso com a atividade e a atratividade que é visto hoje, se não houvesse tanto interesse. Fica até essa pergunta pra senhora, venderia tanto o carnaval brasileiro se não fosse associado a nudez, não sei isso é uma curiosidade, isso já foi debatido?

***Maria Aparecida:** Eu até tinha pedido um tempinho pra falar, vendo as fotos ai, a transformação de uma Escola de Samba. A Escola de Samba sempre teve as suas passistas meninas que usavam uma saia curta porque os passos precisavam das pernas livres pra poder sambar melhor e isso foi se tornando uma bola de neve, cada vez menos roupa. Acontece o seguinte, dentro das escolas de samba e principalmente a bateria, do que eu gostaria de passar pra vocês, sempre a Rainha da Bateria era uma figura da Escola ou era a mulher do apitador que antigamente não falava mestre de bateria e sim apitador, porque ele apitava e com aquele apito ele regia a bateria, hoje é mestre de bateria. Sempre na frente ele colocava a mulher dele, quando ele não era casado tinha a mulher do presidente ou então alguém especial da Escola e ela ia à frente da bateria. E por muitas Escolas essa frente de bateria passava de mãe para filha, era uma tradição das Escolas de Samba levar a Rainha da bateria e membro da Escola.

***Olga:** Que era a mulher mais bonita geralmente?

***Maria Aparecida:** As vezes não era tão bonita. Mas era especial, era uma mulher especial, a mulher do presidente não era tão bonita, mas ela estava ali na frente – era especial- Então era sempre assim um lugar destinado a uma mulher querida dentro da Escola, isso foi por muitos e muitos anos. E o que eu queria falar era exatamente isso, essa semana eu estive na Folha de S.Paulo e também saiu no Diário também, a menina numa entrevista perguntando o que eu achava da transformação das musas, hoje rainha de bateria. Então eu falei pra ele que eu não aceitava como antiga do Samba e sempre procurando preservar nossas raízes, eu não aceitava isso e todas as Escolas demoraram muito pra aceitar isso e quem foi aceitar foram as Escolas mais novas, as antigas ainda conservam, pode ser musa, pode ser madrinha, pode ser

alguma coisa, mas nunca rainha. E hoje pelo que está vendo, a menina ela vem da televisão e eu vi a pouco tempo numa revista que uma determinada atriz ela tinha uma poupança razoável e o que ela fez com essa poupança? Ela investiu tudo nela, ela fez mil plásticas pra ficar muito bonita pra sair no carnaval. Qual é a intenção? De ser contratada por alguma agência de modelos sei lá do que né! Mas virar uma artista, coisa que na Escola de Samba os participantes, as mulheres que participam elas não estão vendo isso, elas estão vendo a beleza da Escola, as rainhas de carnaval – graças a Deus – ainda está dentro das nossas comunidades, as rainhas e o Rei Momo ainda está dentro da comunidade. Agora também nós temos o Rei Momo, a rainha, as princesas que representam o carnaval, e nós temos também o primeiro casal que antigamente era só ele – cidadão samba- que é mais ou menos o que representa o Rei Momo.

Rei Momo representa o carnaval.

Cidadão Samba representa as Escolas de Samba. E hoje é o casal, a mulher também Cidadã Samba, são das Escolas de Samba ainda está a raiz. Agora o que acontece? Uma determinada artista quer aparecer no carnaval então vai pra uma Escola de Samba e quando recebe essas artistas, pua! Fica envaidecido porque a televisão vai ficar o tempo todo em cima da Escola, porque ela está ali, a televisão acompanha inteirinho o desfile, não lembra que tem destaque, rainha do carnaval, não lembra do Mestre-Sala e Porta-Bandeira que é um casal maravilhoso, mais estas artistas que vem semi nuas, há, não há duvidas, elas estão sempre presentes.

Então, com a evolução se tornou quase que obrigatório essa presença, a Escola hoje que não tem um grande nome pra sair na frente da bateria a televisão não está nem ai. Essa é a verdade! Agora, da pessoa de sair nua em cima de um carro alegórico existem duas coisas interessantes: uma se a escola concorda, se é um figurante, outra se está dentro do enredo.

Uma vez eu dei uma palestra na USP e me perguntaram exatamente isso, como é que eu faço um dos rapazes, pra sair com aquelas meninas que saem nuas no carro alegórico!!! Só eu de Escola de Samba lá e só professores, tudo bem, olhei pra ele e falei assim: bom se você tem amor a vida, tente.

Nossa! Porque que a senhora falou assim?

Tente, porque se ela está nua encima do carro alegórico é porque o enredo está pedindo, agora se ela está lá em cima ela está fazendo o papel dela é um papel difícil pra uma mulher sair nua encima de um carro alegórico, mais ao lado dela está a mãe, o pai, o primo, ta o irmão, chegue, tente chegar perto dela, tente, ai é que está. Agora como eu sempre digo o samba está sempre em evolução, a evolução nunca está sendo para voltar as raízes, ela caminha pra frente e cada vez que caminha pra frente nós vamos perdendo um pouco daquela nossa história, daquelas nossas raízes e então aparece mesmo. Tenham a certeza que nenhum presidente de Escola de Samba gosta de ver no seu carro alegórico mulheres nuas, quando é do enredo tudo bem, elas são respeitadas e estão guardadas a sete chaves ali, mas infelizmente hoje as vezes chegando na avenida entre uma passista e outra passista somente pintada ou então o tapa-sexo ta mais caindo do que tudo, ai inclusive a Escola perde ponto, se cair esse tapa-sexo o jurado tira ponto. Claro, é uma fantasia que não está dentro do enredo, ele tira ponto, então na verdade não é bem quisto o nu dentro da Escola de Samba, não é bem quisto - não sei se eu respondi a sua pergunta.

***Participante da platéia:** Realmente eu agradeço, são pontos de vista que ninguém ta tentando pregar o moralismo nem nada. A minha pergunta houve evolução e uma série de coisas que as pessoas sabem e que discutem abertamente, porém, é necessário ter essa nudez para o andamento da coisa, ou se fizesse á moda antiga se as Escolas teriam um desempenho. Mas a resposta foi dada. Por elas não haveria, foi o

que eu entendi, mas como se associa à imagem de uma grande atriz a nudez, mas me respondeu perfeitamente.

***Olga:** Posso acrescentar alguma coisa? Na verdade o desfile é também um imenso espaço de marketing. Já no século XIX quando eram as grandes sociedades em quem promovia o desfile era o setor comercial associado a juventude universitária, os alunos da faculdade de Direito, os alunos da faculdade de Medicina e tudo mais, quem saíam nos carros alegóricos luxuosamente despidas eram as prostitutas estrangeiras dos grandes prostíbulos de São Paulo. Se chamava uma cafetina que era dona de um prostíbulo famoso e dizia tem lugar para 4 moças no carro alegórico da nossa sociedade, aí ela ia escolher as 4 mulheres mais bonitas, mais chamativas porque ela estava fazendo propaganda da sua empresa comercial, então essa visão de que a maior liberalidade na criação carnavalesca do que no resto do ano e que esses espaços dos desfiles carnavalescos podem render alguma vantagem para o marketing, seja o marketing individual hoje em dia da fulana que quer se tornar uma atriz ou uma vedete, ou seja o marketing de um grande prostíbulo chique que servia a elite Paulistana no século XIX e no começo do século XX. Não é na verdade uma grande inovação é na verdade uma mudança de classe social porque agora agente está com as classes populares fazendo carnaval e naquela época quem fazia o grande carnaval eram as grandes sociedades mantidas pela elite comercial da cidade.

***Participante da platéia:** Ainda sobre isso, essa nudez não é um pouco culpa do turismo que se apropriou da festa popular que há décadas atrás o cartão postal do Rio de Janeiro eu sei que foram mulheres de biquínis na praia. Se no carnaval um pouco dessa nudez com grande parte de vender o carnaval pra fora, é o turismo que levou essa imagem.

***Olga:** Eu acho que ajuda, mas não é o turismo o grande culpado. Era na verdade um lazer e um divertimento das famílias que depois vai se tornar por ser uma cidade turística uma atração que vai ser incorporada pela prefeitura, pelo sistema de turismo e tudo mais e aí então o nudismo vai atrair de maneira muito mais forte os estrangeiros que estão vindo para o Brasil pensando que abaixo do Equador não há pecado, e aí eu posso fazer tudo.

***Participante da platéia:** Eu vi recentemente uma propaganda da Embratur, que simplesmente uma mulher loira e não uma mulata sambista, loira e só com a foto do rosto com o esplendor, eu achei super interessante porque não estava vendo o nudismo e tal. A propaganda de São Paulo também é uma modelo bonita também que só aparece o rosto com um sorriso e um esplendor evitando essa exploração do corpo e da sensualidade. Acho que tendência é mudar essa imagem negativa mostrando um novo visual.

***Maria Aparecida:** Eu acho que o culpado disso tudo é, mais do turismo, a televisão. Porque a televisão vende a imagem para todo o Brasil e pra fora também, então abrange um campo muito maior e ela vendendo pra fora é exatamente aquilo que ela focaliza na mídia. Você pode prestar bem atenção, este ano vocês já vão prestar atenção. Quando o mestre-sala e a porta-bandeira começam a rodopiar, que vocês sabem muito bem que o mestre-sala e a porta-bandeira fazem, eles não sambam, eles dançam isso é diferente. No rodopiar dela você pode perceber que tem sempre uma câmera pegando de baixo para cima, pra que? Se a roupa dela é maravilhosa se o bailado dela é tão lindo não precisa fazer isso agora quando passa aquele grupo de algumas artistas eles ficam de cima para baixo, de baixo para cima.

Isso ele está vendendo a imagem é uma imagem que não é o que nós queríamos, é claro, nenhuma Escola de Samba gostaria disso, gostaria que aparecesse sim, bem focalizado uma bateria, como é que o nosso mestre de bateria hoje coordena essa bateria, tem uma orquestra ali, mais isso não aparece, aquele destaque que gastou uma fortuna que está ali representando a figura do enredo, a figura principal, ele não aparece e se aparece é muito de relance. Uma coisa muito boa esse ano que eu espero que vá melhorar a imagem da televisão, a Folha de S.Paulo que faz a Sambista Nota 10, todo ano ela faz esse concurso, esse ano ela está dando mais um prêmio que é o melhor destaque nota 10. Queira Deus que com isso valorize os destaques que estão dentro dos carros porque eles já são julgados como alegorias, não são julgados como fantasia, ele faz parte do carro, então é uma troca uma coisa muito boa que nós conseguimos e foi muito difícil mas nós conseguimos que a imprensa olhasse esses destaques, então vai ser julgado o melhor destaque esse ano. Tirar um pouco a imagem do chão, daquelas pessoas, nós temos muita coisa para apresentar e muita coisa para mostrar para fora porque fala assim; *"Lá fora só se sabe o que é futebol, é o samba e o samba é as mulatas e é isso que é o Brasil."* Não é por aí, nós trazemos muita coisa, o nosso folclore é lindíssimo quanta coisa nós podemos transmitir para fora então nós esperamos que chega num pico e tal que já não tem tanto interesse mais, todas essas artistas chegam num ponto que a própria televisão cansa isso já aconteceu e não é a primeira vez e começa a dar valor a outros quesitos do carnaval. Esperamos chegar lá.

***Maria Cláudia Bonadio:** Só uma complementação na verdade com tudo isso que foi falado aqui, a minha impressão eu queria saber a opinião de vocês, mas sei que falou do turismo a questão da nudez e qual a impressão que eu tenho. Eu não estudei diretamente o carnaval mais eu estudei recentemente o Alceu Pena que era um

ilustrador da revista *O Cruzeiro* que retratava o carnaval, então eu estudei o Alceu por diversos aspectos e ai desde o meu doutorado eu trabalho muito com revista eu tenho a impressão que essa imagem da nudez na capa da revista dessas moças todas com o braço para cima, que isso é uma coisa que surge mais ou menos como pacote, no período da ditadura militar curiosamente nesse período, eu tenho a impressão que é no começo dos anos 80 no momento que vem aqueles Shows de mulatas do Sargentelli e começa a ter esse pacote todo com a idéia do Brasil pra 'exportação', e ai se começa a valorizar essa imagem. Então, eu tenho um pouco a impressão que isso vem muito mais através da imprensa que vende e isso é uma coisa que pode aumentar e como vocês deram um exemplo da revista da *Hora* que o jornal fazia isso e eu fiquei com essa impressão e queria saber o que vocês achavam, fiquei com a impressão que é nesse período que pela minha observação de revista que eu tenho, até pela mais que o João Kuclsar traz a da Xuxa da Luiza Brunet, mas enfim ai já não sei se é 1985 se já passou, mas eu me lembro muito disso de crianças sentados num consultório de dentistas esperando e aquelas revistas Manchete sempre mostrando muito o corpo de mulheres, então só queria saber a impressão de vocês.

***Olga:** Eu acho que a Maria Aparecida botou o dedo na ferida quando ela fala da televisão. Quando a televisão começa a transmitir os bailes carnavalescos e os desfiles é que começa esse desejo das mulheres que pretendem entrar no mercado da mídia de se despirem e de luxuosamente se mostrarem nesse desfile carnavalesco e ai a liberalidade da demonstração vai se ficando cada vez maior por causa da competição entre elas.

Então, segundo a minha visão há uma mudança de uma manifestação que era mais familiar pra uma manifestação que vai se tornar um chamativo para o marketing da grande mídia com a chegada da televisão transmitindo os desfiles. Porque antes

para você ver o desfile você tinha que ir na avenida, se postar lá e ficar lá esperando que uma aparecesse um pouquinho menos de roupa. Agora não, estão nos espaços mais altos e mais visíveis, estão cada vez mais luxuosamente despidas com o objetivo de conseguir se destacar numa competição muito acirrada pra ser a nova musa, a nova artista de novela e tudo mais.

***João Kuclsar:** Lembrar que a questão da TV, a partir de 1973 que aparece a televisão colorida, então começa a ter outro atrativo. E só complementando o que você estava falando, realmente, as propagandas agora da Embratur são melhores mas eu vi uma em 1997 que eu nunca me esqueço, que era a seguinte propaganda na televisão aberta Britânica: era um cara sentava em um ônibus andando e vendo fotos e uma mulher morena, bonita do lado com um casaco branco e ele falava: "*ah! Férias*" e eu não me lembro onde era, mostrava as férias em algum lugar da Europa o pessoal todo agasalhado com frio, ela olha pra ele, levanta tira o casaco branco está com um biquíni e fala "*Vá para o Brasil*", do governo brasileiro mudou o conceito de férias. Olha como em 1997, ainda bem que mudou mas...

***Maria Aparecida:** Agora vocês vão prestar atenção na televisão desse ano nas alas. A gente fala: "*puxa na Escola de Samba todo mundo pelado*", vocês vão prestar atenção nas alas é uma coisa que eu até critico – muita roupa, muita roupa – É incrível todas as alas são vestidas da cabeça aos pés, eu já conversei com alguns carnavalescos e eles dão até risada de mim. É assim, eles fazem um collant, aquilo lá gruda no corpo transpira horrores, em cima daquilo vem um costeiro enorme que ele carrega nos braços e tudo mais, aí vem aquele chapéu colosso e ainda tem a fantasia da frente e a sapatilha. Então, ele está vestido da ponta do dedão, então presta atenção, toda a Escola está vestida. Vocês vão encontrar as mulheres nuas na frente

da bateria ou então aquela que faz composição nos carros alegóricos quem vem com pouca roupa. São composição é coisa moderna também isso, elas não estão dentro do enredo, elas estão enfeitando o carro alegórico. Mas prestem atenção como as Escolas de Samba vêm muito bem vestidas.

***Nanci:** Eu acho que essa questão da transmissão da televisão é muito interessante. É um primeiro aspecto que na verdade você tem alguns elementos que expressam, são vestidas com pouca roupa, mais o conjunto da Escola não. Tem o Beto Brant [cineasta] ele diz que um dos trabalhos que ele gostaria muito de fazer é pensar e realizar um trabalho de transmissão ao vivo das Escolas de Samba, diferente do que a televisão hoje faz. Isto é um desejo dele e discutindo isso a partir de um e de outras experiências que ele tem desenvolvido, e na área de cinema, de ficção mas de pensar que é um espetáculo grandioso, mas que fica tão condicionado a uma série de amarras e interesses que esta essência se perde, então ele discute o momento e a sensação de acompanhar no sambódromo a vivência, é isto é o que a gente deveria ter como perspectiva de pensar uma transmissão do desfile que é completamente diferente do que a gente vê na TV. É pensar isso com uma linguagem televisiva com uma imagem audiovisual que considere a linguagem mais que não seja esse tipo de amarra. Não só pela nudez por todo o diálogo que se estabelece, porque vocês estavam falando, você tem a Escola, traz o enredo, cada integrante, cada ala tem uma proposta narrativa pra este enredo e esta proposta narrativa se perde nessa cobertura ou na forma dessa cobertura trabalha.

Descontextualizada, completamente em termos de sentido, amarração, uma proposta, a organização, o tema, o porquê, o vínculo e o sentido que aquela escola tem. Era uma problematização que estava sendo feita justamente sobre este aspecto, quer dizer, o que seria esta cobertura ou uma forma de abordar e de trabalhar esta

imagem destes momentos, dos 70 minutos da Escola passando mais que tivesse outro tipo de abordagem e que conseguisse trabalhar a relação do público com a própria Escola que isso também se esvazia no modelo de transmissão que hoje é vivenciado. É claro que é vivenciado de outra forma. Pensar esta forma de trabalhar essa cobertura.

***Olga:** A influência do modelo da Escola de Samba nas outras manifestações folclóricas brasileiras. Então você tem Parintins, que está cada vez mais parecido com uma Escola de Samba, então é uma espécie de imposição desse modelo por causa da influência televisiva para as outras manifestações folclóricas que tinham uma identidade e uma característica muito diversa do carnaval.

***Nanci:** Então eu gostaria imensamente de a participação da Maria Aparecida, da Olga, do João Kuksar, já falei somente o primeiro nome, acho que a gente já estabeleceu uma relação aqui de proximidade que é muito gostoso e gostaria mais uma vez de agradecer os organizadores aqui desse encontro, agradecer o convite e a presença de todos os colegas que estiveram aqui acompanhando e certamente contribuindo para que este olhar sobre a cultura, sobre o carnaval e o samba e essas outras expressões culturais possam ser compreendidas e pensadas aqui neste nosso espaço educacional de outra forma até possibilitando vivências e reflexões para os nossos alunos de outra forma. Então agradeço imensamente o olhar, a reflexão e a experiência que vocês trouxeram. Obrigada.